

A Alteração da Dinâmica Comunicacional dos Movimentos Sociais com o Advento da Internet: Uma Breve Análise de Alguns Movimentos Negros de Santa Catarina¹

Felipe CARDOSO²
José Carlos FERNANDES³
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

À maneira de cada tempo, a comunicação sempre serviu de ferramenta para a organização do Movimento Negro no Brasil (ARAÚJO, 2019). Nos séculos XIX e XX, a imprensa negra ganhou corpo e força, por meio de alguns jornais e folhetins, cujo objetivo era manter as pessoas negras informadas dos seus direitos, promovendo, conjuntamente, o protagonismo negro (BARBOSA, 2016; OLIVEIRA, 2022). Foi no início do século XX, após a Abolição da Escravatura, que passou a se estruturar, de melhor forma, alguns movimentos políticos negros. Passaram a provocar debates sobre as desigualdades sofridas pelas pessoas negras, a recusar a tese da democracia racial e a pautar algumas demandas urgentes desse segmento. Na segunda metade do século XX, ainda sob a ditadura civil-militar, voltam a surgir com mais intensidade movimentos sociais políticos negros⁴ no Brasil. Nesse período, é possível destacar o Movimento Negro Unificado (DOMINGUES, 2007), que surge a partir da histórica manifestação do dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo, reunindo cerca de 2 mil pessoas. É a partir desse momento histórico que esta pesquisa se desenha, voltando o olhar para a Região Sul do país, mais precisamente para o estado de Santa Catarina, onde existiam alguns grupos que debatiam a temática racial. Santa Catarina foi um dos estados destinados a receber a mão de obra europeia de forma massiva, durante os séculos XIX e XX, com o intuito de colocar em prática, no país, a ideia de branqueamento de seus moradores. A questão vai muito além de conseguir trabalhadores baratos, de maneira abundante (SCHWARCZ, STARLING, 2015). Com

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado em Itajaí/Balneário Camboriú de 16 a 18 de junho de 2022.

² Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), email: cardoso.felipe@ufpr.br.

³ Professor do PPGCom e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: zeca@ufpr.br

⁴ Vale ressaltar que estamos considerando apenas os movimentos negros de cunho abertamente político, com objetivos declarados a debater a respeito desse viés, mas não podemos deixar de registrar a resistência negra existente por meio da cultura, da religião, da moda, da dança e da música, com exemplos diversos, desde as escolas de samba, até os terreiros de religiões de matriz africanas.

base em uma análise crítica, havia muitos negros escravizados que poderiam servir para o trabalho industrial que começava a despontar no país. Ancorados em ideias eugênicas que também estavam em constante desenvolvimento, a dúvida que pairava nas cabeças de políticos e intelectuais brasileiros antes da Abolição da Escravatura, era “o que fazer com os negros?”. Devido à proibição da entrada de africanos escravizados no Brasil, a partir de 1850, por meio da Lei Eusébio de Queirós, aproveitando-se da alta demanda por braços na Região Sudeste, juntamente com a expectativa de branquear o estado, Santa Catarina, passa a realizar o tráfico interno de pessoas negras escravizadas.

Robert Conrad e Robert Slenes defendem que a partir de 1850 o centro econômico mais dinâmico, a lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, passou a importar os cativos de outras regiões do Brasil. A decadência da produção de açúcar, com a queda dos preços internacionais, somada à expansão da lavoura de café, teriam incentivado a transferência de milhares de escravos para a região Sudeste. (SCHEFFER, 2006, p. 17)

Essa ação contribuiu para a diminuição da presença da população negra no estado⁶ e para o aumento, fortalecimento e propagação das culturas europeias, tornando as narrativas criadas em imaginários que perduram até os dias de hoje e são reforçados cotidianamente, seja por eventos culturais, meios de comunicação, monumentos históricos, educação formal, etc. Nota-se, com essa movimentação histórico-cultural e política, que as consequências para as populações não-brancas são a invisibilidade e o não lugar na historiografia oficial do estado, dificultando o processo para recontar e remontar a presença e importância das populações negras e indígenas para a formação de Santa Catarina (ROSA, 2006). Nos últimos anos, vemos a tentativa do avanço desses resgates mais intensamente, com o trabalho de rememoração e destaque de personalidades negras catarinenses, como Ildefonso Juvenal da Silva e Antonieta de Barros (GARCIA, 2019; ROMÃO, 2021). Lima (2016, p. 5) lista brevemente algumas entidades e movimentos negros catarinenses que existiram em diferentes períodos no estado, baseado no que havia encontrado em documentos do próprio Movimento Negro ou da imprensa local.

No levantamento que realizamos, encontram-se em todas as regiões do estado marcas da presença negra, de sua organização em vários momentos da história de

⁶ Em Desterro, por exemplo, ele é apontado com um dos motivos que teriam provocado a diminuição da população escrava e mesmo a presença negra na região. (SCHEFFER, 2006, p.17)

Santa Catarina. Têm-se, nas respectivas mesorregiões, algumas das seguintes entidades: Norte Catarinense: Kênia Clube (1960), Grupo Unitivo do Negro Catarinense (?), Agentes de Pastorais Negros - APNS (1983), Grupo Consciência Negra de Joinville (1986); Vale do Itajaí: União Catarinense dos Homens de Cor - UCHC (1962); Agentes de Pastorais Negros; Sul do Estado: Sociedade Recreativa União Operária (1937); Agentes de Pastorais Negros de Criciúma (1983); Associação de Etnia Negra (1989); Grupo Étnico Iakekere (1993); Anarquistas Contra o Racismo (1993); Entidade Negra Bastiana (1993); Pastoral AfroBrasileira de Tubarão (?); Movimento Cultural de Conscientização Negra Tubaronense (1997); Clube de Regata Cruz e Sousa (1920); Humaitá Futebol Clube (1920); Sociedade Recreativa São Sebastião Lucas (1952); Movimento Negro Tio Marco (1990); Oeste: Pastoral do Negro de Chapecó (?); Serrana Catarinense: Centro Cívico Cruz e Sousa (1918); Agentes de Pastorais Negros de Lages (1986), entre outras.

Mais adiante, o autor destaca que existem outras entidades e movimentos espalhados pelo estado e ressalta que “faz-se necessário um mergulho mais profundo nos arquivos espalhados por todo o estado de Santa Catarina” (LIMA, 2016, p. 5). Tratando exclusivamente da Grande Florianópolis, Lima (2006) destaca que a capital catarinense foi responsável por concentrar a maior parte das organizações do Movimento Negro, a partir da década de 1980 (CICONELLO, 2007). Rememora-se também, antes desse período, a existência da Irmandade Nossa Senhora do Rosário (1840-?), dos clubes sociais, das escolas de samba e dos terreiros, além da Sociedade Cultural Antonieta de Barros que, “apesar do seu curto período de existência este grupo registra a realização do primeiro ato de rua na capital catarinense, denunciando as péssimas condições de vida da população negra, a violência policial e a exclusão escolar, em pleno período de opressão” (LIMA, 2006, p. 6). Focado na segunda metade do século XX, Lima (2006) relembra do grupo do qual fez parte, o União e Consciência Negra, que reuniu universitários, agentes comunitários e que contava com muita influência de religiosos católicos. O autor oferece uma lista com entidades e movimentos negros da Grande Florianópolis que atuaram e ainda atuam na luta antirracista.

Em seguida, de maneira geral, podem-se relacionar os seguintes grupos, que de uma maneira ou de outra contribuíram e, alguns ainda contribuem, para a superação da discriminação racial (SCHERER-WARREN, 1999): Núcleo de Estudos Negros (NEN), Fundação Cruz e Souza, Bloco Jamaica, Grupo Resistência, Movimento Negro Unificado (MNU), Bloco Liberdade, União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO), Grupo de Mulheres Negras Cor de Nação, União Brasileira dos Homens de Cor, Grupo de Capoeira Ajagunã de Palmares, entre outros (LIMA, 2006, p. 6).

É possível observar uma mudança na composição dos novos movimentos sociais negros, surgidos a partir da segunda metade do século XX, principalmente na década de

1980, em Santa Catarina. São grupos mais voltados à perspectiva do campo político, preocupados com a atuação e participação na política institucional, da ação partidária e sindical, de maneira independente. Diferem das organizações precursoras do Movimento Negro Catarinense, que eram mais voltadas para uma espécie de associativismo cultural e recreativo e que buscavam o reconhecimento identitário da população negra por meio da cultura e do fortalecimento da integração e confraternização. “No entanto, salienta-se serem faces de um mesmo processo de discussão as relações raciais” (LIMA, 2006, p. 7). Diante dessa nova lógica e dinâmica dos movimentos sociais negros contemporâneos, surgidos a partir da década de 1980, fazemos o enquadramento da pesquisa, atentando exclusiva e especialmente para o Núcleo de Estudos Negros (NEN), de Florianópolis. Lançamos um olhar sobre sua comunicação interna, seu processo organizativo e o entendimento do que mudou ao longo de sua existência com o advento e a popularização da Internet. Para isso, desenvolvemos uma entrevista semiestruturada com três integrantes e ex-integrantes do Núcleo de Estudos Negros de diferentes gerações, para captar a percepção individual e coletiva a respeito da comunicação do NEN (TAVARES, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Internet; Redes Sociais; Movimentos Sociais Negros; Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Valmir Teixeira de. O papel da imprensa negra brasileira. São Paulo: **Revista Alterjor** (ECA-USP), v. 20, n.º 2, 2019. Disponível em < ARAUJO, Valmir Teixeira de. O papel da imprensa negra brasileira. São Paulo: **Revista Alterjor** (ECA-USP), 2019> Acessado em 7 de maio de 2022.

BARBOSA, Marialva. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. 1 ed. Rio de Janeiro: Maud X, 2016.

Ciconello, Alexandre. A participação social como processo de consolidação da democracia no Brasil. IN: VVAA. **From Poverty to Power**. Nairóbi, Quênia, 2007 <Disponível em www.fp2p.org>. Acessado em 7 de maio de 2022;

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Rio de Janeiro: **Tempo** (UFF), vol. 23, 2007.

GARCIA, Fábio. **Ildefonso Juvenal da Silva** – um memorialista negro no sul do Brasil. Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.

LIMA, Ivan Costa. **A pedagogia multirracial e popular em Santa Catarina**: trajetórias históricas e lutas sociais do Movimento Negro. Rio Grande do Sul: XIII Encontro Nacional de História Oral, UFRGS, 2016.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **A Frente Negra Brasileira**: política e questão racial nos anos 1930. Rio de Janeiro: UERJ, 2022.

ROMÃO, Jeruse. **Antonieta de Barros**: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Florianópolis: Editora Cais, 2021.

ROSA, Vanessa da. **A invisibilidade da mulher negra em Joinville**: formação e inserção ocupacional. Florianópolis: UFSC, 2006.

SCHWARCZ, Lília M. STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TAVARES, Wellington; PAULA, Ana Paula Paes de. Movimentos sociais em redes sociais virtuais: possibilidades de organização de ações coletivas no Ciberespaço. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 4, n.º 1, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9822>>. Acessado em 7 de maio de 2022;